

A CIGARRA E AS FORMIGAS: ALTERAÇÕES AXIOLÓGICAS EM ANÁLISE INTERTEXTUAL DE NARRATIVAS FABULARES

Maria da Glória Babeto Casado (PG-UEM)

Edson Carlos Romualdo (UEM)

Resumo

As fábulas são narrativas de origem na antiguidade clássica que têm grande circulação na sociedade atual. Das fábulas mais conhecidas podemos encontrar várias versões, que retomam o texto original e atribuem a ele novos sentidos. A partir da constatação da importância desse gênero no universo cultural, sob uma perspectiva da Linguística Textual e dos estudos bakhtinianos, este estudo procura realizar uma análise intertextual entre cinco narrativas fabulares, a partir de versões da fábula *A cigarra e as formigas*, procurando mostrar como são tratadas as questões relativas ao trabalho e à arte nesses textos. As análises demonstram que os enunciados das respectivas narrativas são efetivamente (re)construídos, com vistas a mostrar posições convergentes e divergentes ao texto original, aproximando-se ou afastando-se dele no que tange à sua orientação argumentativa. Ao destacar os movimentos de aproximação e distanciamento da narrativa mais antiga, evidencia-se uma linha valorativa relativa ao trabalho artístico, representado desde o início pela personagem cigarra, a quem é atribuído o talento de cantar. Nas diferentes narrativas, a cigarra, representante da arte, por assim dizer, passa por diferentes apreciações valorativas que vão se deslocando e revelando outros modos de concebê-la como segmento de trabalho.

Palavras-chave: Fábula. Intertextualidade. Axiologia.

THE CICADA AND THE ANTS: AXIOLOGIC ALTERATIONS IN INTERTEXTUAL ANALYSIS OF FABLE NARRATIVES

Abstract

Fables are narratives that originated in classic antiquity and have big circulation in current society. We can find multiple versions of the best-known fables that resume the original text and attribute new meanings to it. From the definition of the importance of this genre in the cultural universe under Textual Linguistics and Bakhtinian studies perspectives, this study aims to analyze the intertext between five fable narratives from different versions of *The cicada and the ants*, trying to show how the issues regarding work and art are approached in these texts. The analysis shows that the respective narratives' statements are effectively (re)built, to show positions that converge and diverge from the original text, approaching or distancing from it on what it comes to its argumentative orientation. When highlighting the movements of approximation and distancing from the older narrative, a value line is evidenced regarding the artistic work, represented from the beginning by the cicada, who has the gift of singing. On the different narratives, the cicada, a representative of the arts, so to speak, goes through different value appreciations that dislocate and reveal other ways to conceive it as a work segment.

Keywords: Fable; Intertextuality; Axiology.

Introdução

As fábulas são gêneros discursivos que têm o poder de encantar e ensinar. São narrativas curtas vindas da tradição oral que sobreviveram ao tempo. Algumas ficaram tão conhecidas que se cristalizaram na história e continuam vivas em inúmeras culturas. Este é o caso da fábula *A cigarra e as formigas*, um texto que remonta ao século VI a.C., cuja autoria original é atribuída a Esopo; posteriormente, outros autores a resgataram e reescreveram suas versões.

Ciente da riqueza cultural desse gênero, e em face de seu grande alcance potencial a diversos tipos de público, o presente trabalho busca estabelecer uma análise intertextual entre narrativas fabulares, a partir de versões da fábula *A cigarra e as formigas*. Nosso objetivo é discutir como são tratadas a temática do trabalho e as formas distintas de conceber a arte ao longo dos tempos, tomando como intertexto a versão de Esopo e observando como ela é recuperada por La Fontaine, Monteiro Lobato e em dois outros textos contemporâneos encontrados em páginas de acesso público na internet. A verificação comparativa das alterações e manutenções dos componentes discursivos, demonstrando a ideologia culturalmente absorvida em cada versão, possibilita visualizar como as relações socioideológicas entre trabalho e arte foram historicamente se alterando ao longo das narrativas.

Dessa forma, o estudo prima por identificar as perspectivas sobre o trabalho e a arte constituídas principalmente a partir dos elementos lexicais e axiológicos que agregam valores aos enunciados. Além disso, no plano das análises, evidenciamos pontos de contato intertextuais e sua arquitetônica discursiva orientando para a paráfrase ou para a paródia.

Este trabalho ganha particular pertinência na medida em que agrega novas reflexões acerca da temática, ao lançar um olhar analítico sobre os movimentos intertextuais de reconstrução da fábula em questão, realçando contextos sociais e espaço-temporais distintos. Dessa forma, ao destacar os mecanismos utilizados na produção dos enunciados, evidenciamos também o conjunto de valores aderidos pelo autor, ao abordar as relações entre trabalho e arte.

Para sustentar teoricamente a análise de nosso *corpus*, é importante, primeiramente, destacar os conceitos que fundamentam do caráter dialógico/discursivo da linguagem, que é o ato de enunciar. Segundo Bakhtin (2016), toda atividade humana acontece por meio da

linguagem e seu efetivo uso se dá na forma de enunciados. Para o autor, os enunciados comportam em si as finalidades contidas em um conjunto indissolúvel formado pelo conteúdo temático, estilo de linguagem (escolha dos recursos lexicais e gramaticais) e construção composicional. Resumidamente, o conjunto desses três elementos formam a base dos enunciados aos quais denominamos gêneros do discurso. Estes são, então, elaborados conforme as demandas das especificidades de cada campo de comunicação.

Outro fator importante para o nosso trabalho é o que Volóchinov (2018) discute sobre o fato de toda palavra tornar-se um signo ideológico quando verbalizada em uma situação comunicativa, e como a dinâmica das inter-relações orienta para o universo valorativo.

As fábulas antiga e medieval: Esopo, século VI a.C. e Jean de La Fontaine, século XVII

De acordo com a perspectiva teórica deste trabalho, ao tomarmos os textos de base para estabelecermos a intertextualidade e relacioná-los aos conceitos abordados, percebemos claramente a manifestação de enunciados configurados em gêneros discursivos – no caso, a fábula – carregados de signos ideológicos. Apresentamos, primeiramente, a versão de Esopo:

A cigarra e as formigas - Esopo

Num belo dia inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de comidas. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado molhados. De repente aparece uma cigarra:
– Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de comida!

As formigas pararam de trabalhar, coisas que era contra seus princípios, e perguntaram:

– Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno? Falou a cigarra:

– Para falar a verdade, não tive tempo. Passei o verão todo cantando!

Falaram as formigas:

– Bom... Se você passou o verão todo cantando, que tal passar o inverno dançando?

E voltaram para o trabalho dando risadas.

Moral da história:

Os preguiçosos colhem o que merecem.

Jahn (1994, p.48-49).

Numa sumarizada análise discursiva, podemos dizer que a fábula aborda o *trabalho e a arte* como elementos temáticos que se contrapõem, ao contar a história das formigas que passavam os dias trabalhando exaustivamente, sempre preocupadas em guardar reservas de trigo para o inverno. E de modo oposto, a cigarra vivia cantando, não se preocupava em guardar alimentos para quando o mal tempo chegasse. E quando o inverno de fato chegou, a

cantora precisou pedir ajuda às formigas que zombaram dela, dizendo que se ela cantou no verão, no inverno ela deveria dançar. Como fechamento do enunciado, o autor lança uma moral carregada de signos ideológicos: *Os preguiçosos colhem o que merecem*.

Por esta breve análise discursiva, percebemos que um horizonte valorativo se desponta, deixando à mostra a existência de um sistema socioideológico e cultural instalado. A narrativa é uma metáfora da vida humana e, a partir do tema, discutem-se os valores contidos em uma determinada camada social que integra a estrutura econômica, base das relações valorativas entre o trabalho agrário e a atividade de cantar (arte). Sobre esse aspecto valorativo destacado, podemos ligá-lo ao que Volóchinov (2019) considera sobre a condição social dos signos ideológicos:

A palavra, como todo signo ideológico não só reflete a realidade, mas também a refrata na comunicação social viva. Isso ocorre porque as relações de classe, ao se refletirem na palavra, ditam-lhe diferentes nuances de sentido, introduzem nela diferentes pontos de vista, atribuem diferentes avaliações. Desse modo, as relações de classe integram o todo do enunciado como um fator, uma força real, que exerce uma influência decisiva também na sua estrutura estilística. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 320).

Neste sentido, notamos que a fábula, em sua estrutura composicional e estilo de linguagem, dá vazão ao intuito de dizer que as maiores virtudes do ser humano são a dedicação ao labor do campo e a ação de guardar reservas; já as grandes desvirtudes são passar o verão todo cantando (dedicando-se a arte) e não se preocupar com reservas para o inverno. Este posicionamento ideológico demonstra que, no funcionamento da estrutura econômica, a sociedade de Esopo (século VI a.C.) avalia que o trabalho agrário voltado para as reservas possui prestígio social, ao contrário da arte, posta como atividade menor; aquele que a ela se dedica é considerado socialmente inferior e preguiçoso.

A presente análise nos permite relacionar o exposto com o que Volóchinov (2018) menciona a respeito dos fenômenos ideológicos. Ele assevera que:

A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação sógnica, determinada diretamente por todo conjunto de leis socioeconômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura colocada diretamente sobre a base econômica. (VOLÓCHINOV, 2018 p. 98).

Pela metáfora das formigas e da cigarra, vemos que o estatuto socioideológico da linguagem empregada na construção do enunciado está intimamente ligado ao caráter valorativo do corpo social em que a narrativa se insere. Nesse sentido, observamos com

clareza o poder e a influência das bases econômicas que refletem um ponto de vista socialmente determinado.

A partir desse ponto nos detemos ao foco central deste estudo que é a intertextualidade que se estabelece entre os enunciados expressos por autores distintos. Para tanto, nos apoiamos nas considerações teóricas de Bakhtin (2016), que ressaltam a interligação entre os enunciados:

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos “resposta” num sentido amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles subentendendo-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. [...] É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. (BAKHTIN, 2016, p. 57).

O fragmento acima permite-nos entender o princípio básico da relação entre os diversos textos que circulam na cultura. Koch (1997) desenvolve mais amplamente o conceito de intertextualidade, elaborado por Kristeva a partir da noção do dialogismo bakhtiniano, ressaltando a imanente dependência de textos preexistentes os quais dão origem a novos enunciados, estabelecendo diálogos alusivos às mesmas direções argumentativas do texto fonte ou contrários a tais direções. E, neste processo, o modo de recepção do novo dito é um dos pontos mais relevantes, pois cabe ao interlocutor estabelecer o contado entre o dito anterior e o recente, resgatando em seu conhecimento de mundo elementos que se correlacionem.

Diante do exposto, passamos a exemplificar e registrar as possíveis marcas de intertextualidade na fábula Jean de La Fontaine, escrita no século XVII, em contraponto à versão de Esopo, do século VI a.C. Contudo, faz-se necessário ressaltar que, de todo complexo teórico que orienta o fenômeno da intertextualidade, nosso foco de interesse pauta-se, principalmente, em aspectos relativos às *semelhanças e diferenças*, abordados por Koch (1997) e Sant’Anna (2003), sobre os quais embasamos nossa análise, mostrando o rumo da direção argumentativa do enunciado em relação ao texto tomado como intertexto.

A cigarra e a formiga - La Fontaine

Num dia soalheiro de verão, a cigarra cantava feliz. Enquanto isso, uma formiga passou por perto. Vinha afadigada, carregando penosamente um grão de milho que arrastava para o formigueiro.

- Por que não ficas aqui a conversar aqui comigo, em vez de te afadigares tanto? – perguntou a cigarra.
- Preciso arrecadar comida para o inverno – respondeu-lhe a formiga. – Aconselho-te a fazer o mesmo.
- Por que hei de me preocupar? Comida não nos falta. Respondeu a cigarra, olhando ao redor. A formiga não respondeu, continuou seu trabalho e foi-se embora.
Quando o inverno chegou, a cigarra não tinha nada para comer. No entanto viu que as formigas tinham muita comida porque a tinham guardado no verão. Distribuíam-na diariamente entre si e não tinham fome como ela. A cigarra compreendeu que tinha feito mal...

Moral da história: Não penses só em divertir-se. Trabalha e pensa no futuro.

Disponível em: <<https://leraprenderecrescer.blogs.sapo.pt/432.html>>. Acesso em: 28 out. 2020.

Sob o ponto de vista da recepção, a intertextualidade se realiza quando o interlocutor entra em contato com a leitura da nova versão. Sua memória cultural resgata elementos que são pontos de ligação entre este novo enunciado e o que já foi anteriormente enunciado por Esopo. Do ponto de vista da produção, nota-se que o que foi anteriormente dito, renasce pelas mãos do autor francês que resgata a fábula original, e sobre ela produz um novo texto.

Na reconstrução do enunciado, La Fontaine reposiciona a fábula espaço-temporalmente, e a partir do título, das personagens, das ações e da moral, ele mantém um vínculo bastante estreito com a versão de Esopo. A forma que o vínculo se estabelece é denominado por Koch (1997) de intertextualidade em sentido estrito, visto ser possível recuperar um texto efetiva e previamente produzido.

Ao analisarmos o texto, vemos que os sentidos nas duas versões se entrelaçam e seguem uma mesma direção argumentativa. Essa técnica de escrita é um exemplo do que a autora assevera sobre os aspectos intertextuais elaborados sob os patamares das semelhanças, os quais Sant’Anna (2003) também teoriza conceituando de intertextualidade pelo viés das similaridades ou convergências. Ele e aprofunda a discussão ao explicar a noção de desvio de sentidos pela perspectiva da paráfrase, estilização e paródia.

Trabalhem com a noção de desvio. Consideremos que os jogos estabelecidos nas relações intra e extratextuais são desvios maiores ou menores em relação a um original. Desse modo, a paráfrase surge como um desvio mínimo, a estilização como um desvio tolerável, e a paródia como um desvio total. (SANT’ANNA, 2003, p. 38).

Pelo exposto, o desvio mínimo e o tolerável ocorre quando, na composição da intertextualidade, os sentidos dos enunciados se aproximam, mas não de forma idêntica. Já ao que se refere ao desvio total, ele ocorre quando os sentidos dos enunciados tomam rumos divergentes e ficam em posições contrárias um ao outro. Portanto, o desvio de sentidos em

La Fontaine se estabelece na fronteira entre o desvio mínimo e o tolerável em relação ao texto de Esopo, com a intertextualidade se estabelecendo em nível de paráfrase e estilização.

A comprovação dessa afirmação se exemplifica, principalmente, pela visível manutenção argumentativa de exaltação do trabalho previdente da formiga e pelo rebaixamento da cigarra e de seu trabalho. Esses dois fatos se concretizam nas duas fábulas de forma bastante similar. La Fontaine apenas reafirma o que Esopo afirmou na antiguidade, mas o faz num estilo de linguagem diferente. Isso vai exatamente ao encontro do que Sant'Anna (2003, p.17) escreveu sobre uso da *paráfrase* como recurso de construção intertextual. “Paráfrase é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”.

É relevante mencionar a existência das semelhanças axiológicas entre as duas narrativas. Os valores retratados tanto na versão de La Fontaine como em Esopo, podem ser percebidos pela análise da construção composicional e o estilo da linguagem usada pelos autores. Dessa forma, a seleção dos elementos linguístico/discursivos ganha especial importância, pois são eles os maiores responsáveis pela expressividade verbal e extraverbal que refletem e refratam os valores sociais do objeto. Assim sendo, nas duas versões da fábula, a escolha dos recursos da língua foi feita com a finalidade de imprimir no objeto, no caso, a arte e o trabalho agrário, um determinado valor a cada um: este é cultuado no bojo de sua própria exaltação e aquela tem suas qualidades rebaixadas. O desprestígio da arte se reverbera fortemente nas duas obras pela força expressiva da linguagem.

Sobre isso Bakhtin (2016) esclarece que a língua fornece subsídios, recursos linguísticos suficientes para emitir uma expressão, porém as unidades por si são neutras por natureza. Contudo, a expressividade, em especial a valoração axiológica, é determinada pela composição e pelo estilo do falante. Para o autor, “a relação valorativa do falante com o objeto do discurso (seja qual for o objeto) também determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado” (BAKHTIN 2016, p. 47). De acordo com o autor, o caráter dialógico e ideológico da linguagem se manifesta no processo de interação, na concretização do projeto de dizer. Há que se considerar, sobretudo, que a influência que cada um dos elementos exerce sobre os outros é o que vai constituindo o horizonte sociovalorativo de cultura.

Tais meios de expressão valorativa abordados podem ser exemplificados pelos excertos extraídos da última versão da fábula: *Trabalha e pensa no futuro*, e, *A cigarra*

compreendeu que tinha feito mal... O estilo de linguagem empregado pelo autor nos mostra que a estrutura sintático/semântica relativa ao tema trabalho exprime uma conotação valorativa imperativa e ideologizante. Já estrutura linguística escolhida para tratar da cigarra possui uma expressividade de conotação depreciativa associada ao fazer artístico (*tinha feito mal...*), o que levou a certa resignação da cigarra (ela *compreendeu*), ou seja, ela se submeteu à dinâmica do sistema de produção (trabalhar e guardar).

Portanto, o horizonte valorativo representado nessa versão, segue a mesma perspectiva de pensamento de Esopo, numa intertextualidade concretizada por encaminhamentos convergentes. Pelo uso de recursos estilísticos da paráfrase, o percurso narrativo que La Fontaine traça, promove a continuidade da ideologia dominante de valorização do trabalho braçal e desvalorização do fazer artístico, marcada pela correlação do cantar à ociosidade. A arte é então representada nos parâmetros da preguiça e da mazela enquanto o trabalho agrícola é correlacionado à dignidade e a segurança.

As fábulas contemporâneas

Até o momento, discorreremos a respeito da intertextualidade sob uma perspectiva enunciativa convergente. Trazemos agora outras perspectivas enunciativas que apontam para novos rumos argumentativos. Dessa forma, a percepção axiológica do tema trabalho e arte, debatido até o momento, passa por outras avaliações valorativas. O primeiro enunciado narrativo destacado para análise foi escrito por Monteiro Lobato, escritor brasileiro que inovou o modo de conceber a literatura infantil.

A cigarra e as formigas – Monteiro Lobato

A formiga boa

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas.

Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu - tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina - Que quer? Perguntou examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa, eu... eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo - E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse: - Eu cantava, bem sabe...
- Ah! ... Exclamou a formiga recordando-se. Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e aliviava o trabalho. Dizíamos sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

A formiga má

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube compreender a cigarra e com dureza a repeliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.

A cigarra, como de costume, havia cantado sem parar o estio inteiro, e o inverno veio encontrá-la desprovida de tudo, sem casa onde abrigar-se, nem folhinhas que comesse.

Desesperada, bateu à porta da formiga e implorou - emprestado, notem! - uns miseráveis restos de comida. Pagaria com juros altos aquela comida de empréstimo, logo que o tempo o permitisse.

Mas a formiga era uma usurária sem entranhas. Além disso, invejosa. Como não soubesse cantar, tinha ódio à cigarra por vê-la querida de todos os seres.

Que fazia você durante o bom tempo?

- Eu... eu cantava!...

- Cantava? Pois dance agora... - e fechou-lhe a porta no nariz.

Resultado: a cigarra ali morreu estanguidinha; e quando voltou a primavera o mundo apresentava um aspecto mais triste. É que faltava na música do mundo o som estridente daquela cigarra morta por causa da avareza da formiga. Mas se a usurária morresse, quem daria pela falta dela?

Os artistas - poetas, pintores e músicos - são as cigarras da humanidade.

Lobato (2008).

Iniciamos o tratamento da fábula de Monteiro Lobato a partir da estrutura composicional que o autor emoldura seu enunciado. Ele reestrutura a narrativa fabular, de forma a produzir duas histórias (A formiga boa e A formiga má), as quais se incorporam e formam uma única narrativa (A cigarra e as formiga).

Em conjunto com a composição, o estilo de linguagem empregado na reescritura da fábula é extremamente inovador. A começar pela seleção linguístico-discursiva que é minuciosamente pensada de forma a tornar o todo enunciativo fecundo de sentidos, atrativo às crianças, comprometido em diverti-las ao mesmo tempo que pretende fazê-las pensar.

A cigarra, eterna representante da música e da arte, passa por duas vezes pela apreciação da formiga, esta, a sempre representante do trabalho agrário e portadora das vozes sociais. Nas duas instâncias narradas, a cigarra vive os clássicos perrengues da miséria, consequência do seu “ofício”, que é a arte de cantar. Ela se depara com dois tipos sociais: a formiga boa, que reconhece seu valor e importância para o mundo e que a acolhe; e a formiga

má, que julga, condena e repele a cigarra, ignorando seu desalento e seu clamor para sobreviver.

Notamos que Monteiro Lobato, diferente do que ocorre nas versões anteriores, mostra o canto da cigarra na perspectiva do trabalho e não da ociosidade, como podemos interpretar em “Só parava quando *cansadinha*; e seu *divertimento* então era observar as formigas...”. Ele leva o leitor, sobretudo o leitor mirim, a avaliar o contexto enunciativo, especialmente ao que se refere a quem é esta cigarra e sua importância para o mundo, avaliando, também, quem são as formigas e o que ou quem cada uma delas representa.

Ao final da segunda parte, o autor reporta-se a existência de um mundo sem música, criando uma metáfora do luto do mundo pela a morte da cigarra, ou seja, sem o trabalho dos artistas o mundo é sem graça e mais triste. Dessa forma, ele desperta reflexões acerca da frieza e desumanização do ser humano, que, imerso na dinâmica estrutura econômica, torna-se insensível: *Se a usurária morresse, quem daria falta dela?*

Diante da análise dos enunciados da versão de Monteiro Lobato, verificamos os aspectos da intertextualidade entre as versões deste autor e a fábula de Esopo. Confrontamos, por meio de um quadro comparativo, alguns elementos para destacamos os pontos de contato que marcam a direção argumentativa dos enunciados.

Quadro 1: Comparação entre a fábula de Esopo e a de Monteiro Lobato

Texto de Esopo		Versão de Monteiro Lobato
Tema	Relação entre trabalho no campo e atividade artística.	Relação entre trabalho no campo e atividade artística.
Virtudes	A dedicação ao trabalho e preocupação em guardar reservas.	A dedicação das formigas e da cigarra ao trabalho; preocupação em guardar reservas; Reconhecimento do valor do trabalho artístico; empatia, compaixão solidariedade, humanização do próximo.
Desvirtudes	Passar o verão todo cantando.	Avareza, falta de empatia, egoísmo, inveja, materialismo, individualismo, segregação, desumanização. (A formiga má).
Valores sociais	O trabalho do campo possui alto valor social; Desvalorização da arte.	O trabalho do campo possui alto valor social; Arte começa a ser vista como importante para a sociedade.

Pela análise das informações do quadro, percebemos que, diferente de La Fontaine, Lobato resgata o texto original de Esopo numa perspectiva divergente, distanciando-se da direção argumentativa do texto representado. Este conceito de distanciamento pode ser explicado, a partir de Santana (2003), sob a ótica do “desvio máximo”, que classifica, então,

a intertextualidade da versão lobatiana como paródia. O teórico refere-se a este recurso afirmando ser a “paródia como um desvio total” (SANT’ANNA 2003, p. 38), e acrescenta: “Sem dúvida, a paródia deforma o texto original subvertendo sua estrutura ou sentido” (SANT’ANNA 2003, p. 41).

Desse modo, é explícito que Monteiro Lobato resgata a fábula original e estabelece uma direção axiológica e argumentativa oposta a ela. Embora seja possível notar a manutenção do valor sagrado do trabalho e a preocupação em se prevenir contra tempos difíceis, o foco dos enunciados inverte os sentidos da fábula original, evidenciando o valor e a importância da arte para o mundo. O literato expõe um embate no campo das virtudes e desvirtudes da essência humana que coexistem entre si e se intersectam de muitas maneiras. Assim, a generosidade, a partilha, a empatia, a solidariedade e o reconhecimento do valor do outro confrontam a avareza, o egoísmo, o individualismo e a inveja. Lobato cria um jogo de linguagem que conduz o discurso em sentido valorativo contrário aos discursos de Esopo e La Fontaine.

Após as análises dos enunciados de Esopo, Jean de La Fontaine e Monteiro Lobato, passamos às análises intertextuais de duas versões da fábula em estudo que circulam na internet. São narrativas pouco formalizadas do ponto de vista da literatura canônica, mas se prestam perfeitamente ao objetivo de manter viva a essência da fábula “A cigarra e as formigas”, pela criatividade discursiva e atualização temática do intertexto.

A verdade sobre a Cigarra e a Formiga - Autor desconhecido

Inaugurando a categoria Piadas do Reino Animal, o Piada de Branco revela o verdadeiro destino da Cigarra e da Formiga.

A Formiga, além de lavar roupa para fora e catar latinhas de alumínio para reciclar, volta e meia baixava no Galeão para defender um qualquer, ajudando turistas a empurrar as suas malas. Um belo dia, não é que ela vê a Cigarra, amiga de infância do bairro, chegar coberta de joias num voo da Air France?

– Oi, Cigarra! Quase não te reconheci! Que elegância! Faz uns dez anos que não te vejo. Desde que você largou tudo para tentar ser cantora em Londres. Como é que você vai?

– Oi, Formiga! Que bom te ver! De fato, a vida em Londres foi muito dura! A carreira de cantora não decolava. Até que, numa viagem a Paris, conheci o Pierre, megaempresário do ramo hoteleiro. Estamos casados há cinco anos e ele é o meu mecenas! Estou lançando o terceiro CD de Bossa Nova!

– Nossa! Que bacana! Vem cá, Cigarra. Lá em Paris, imagino que você encontre sempre muitos atores, cantores, escritores...

– Claro! Sempre esbarro com esse pessoal do meio artístico pelos cafés mais chiques da cidade.

– Legal! Se você por acaso encontrar com um tal de La Fontaine, pode mandar ele tomar no cu em meu nome, por favor!

Disponível em: <<https://piadadebranco.wordpress.com/2011/07/29/a-verdade-sobre-a-cigarra-e-a-formiga/>>. Acesso em: 28 out. 2020.

O estudo do tema trabalho e arte, numa abordagem intertextual ganha um viés mais despojado nos textos não canônicos. O enunciado da piada narrativa “A verdade sobre a cigarra e a formiga” é um exemplo disso, e de como os conceitos se transformam e revelam contextos e valores distintos ao longo dos tempos. No texto, a atualização espaço-temporal é percebida por meio das relações temáticas entre o trabalho e a arte. Esses elementos temáticos são inseridos num contexto sociocultural bastante diferente da fábula de origem, e demonstram uma mudança ideológica, percebida pelos valores sociais implícitos no enunciado.

O contexto de produção mostra a trabalhadora formiga em ferrenha labuta do espaço urbano de uma metrópole, tentando sobreviver de seus muitos trabalhos informais, os “bicos”. Sua amiga cigarra, depois de lutar para ser reconhecida por sua arte, consegue sucesso, dinheiro e fama, após casar-se com um megaempresário que patrocinou sua carreira. Separadas devido aos seus objetivos de vida, após bastante tempo, as duas se reencontram. A formiga ao ver que a amiga se sobressaiu com sua música, e ao perceber sua condição de miséria, tendo trabalhado exaustivamente, num ataque de consciência e raiva, destina uns palavrões a La Fontaine, autor de uma das versões da fábula que ela se vê inserida às avessas.

Ao lermos esta versão fabular, imediatamente nos reportamos aos pontos de contato que compõem a intertextualidade, como se observa no quadro comparativo seguinte.

Quadro 2: Comparação entre a fábula de Esopo e a do autor desconhecido

Texto de Esopo		A versão moderna da fábula da formiga e a Cigarra
Tema	Relação entre o trabalho no campo e atividade artística.	Relação entre o trabalho urbano e atividade artística.
Virtudes	A dedicação ao trabalho e preocupação em guardar reservas.	Formiga: encara todo tipo de trabalho para sobreviver; Cigarra: luta para conseguir sobreviver da arte.
Desvirtudes	Passar o verão todo cantando.	Formiga: excluída do mercado formal de trabalho; aceitação de subtrabalhos; Cigarra: usa o casamento como ponte para obter êxito na carreira.
Valores sociais	Atividade do campo: alto valor social; Atividade artística: baixo valor social.	Trabalho: Trabalho informal: o sucesso vem do esforço individual; Arte: Arte atende aos anseios do mercado de consumo. O reconhecimento do talento artístico só se institui pela associação a outros interesses.

O Quadro 2 nos mostra, de forma muito clara, que a intertextualidade se estabelece pela perspectiva das diferenças. Há uma discussão sobre mercado de trabalho e a exclusão de pessoas desse mercado que se veem obrigadas a realizar subtrabalhos para sobreviver, diferente da fábula de origem em que se trabalhava no campo e guardavam-se reservas. A cigarra que outrora era negativamente apreciada por se dedicar ao seu canto, neste contexto encontra um meio de entrar para o milionário e prestigiado mercado da música.

Na construção argumentativa do enunciado narrado, o autor segue uma direção divergente do texto original. Assim a intertextualidade se estabelece na categoria da paródia e do riso. Embora haja elementos idênticos aos da fábula na versão de Esopo, a estrutura composicional o estilo de linguagem contribui para a criação de uma espécie de perversão dos sentidos. Sant’Anna (2003) chama esse fenômeno de desvirtuamento ou traição nos sentidos do texto de origem. O autor da fábula contemporânea utiliza recursos da linguagem para causar, simultaneamente, humor e reflexão, ao ridicularizar, por exemplo, a figura do famoso escritor Jean de La Fontaine, que reescreveu a fábula de Esopo. Conforme ressalta Koch (1997, p. 63), “a intertextualidade na perspectiva das diferenças incorpora o intertexto para ridicularizá-lo, mostrar sua improcedência, ou pelo menos colocá-lo em questão”.

Ao relacionar a análise desta narrativa ao que a autora assevera, podemos ver que a fábula foi incorporada e estrategicamente modificada para demonstrar que os conceitos axiológicos relacionados ao trabalho e à arte, anteriormente avaliados e valorados, não se aplicam no contexto desse enunciado. Por meio de elementos lexicais que apontam para aspectos extraverbais, há uma avaliação social expressa em forma de ironia e humor. Percebemos, então, pelo discurso, a existência de uma denúncia social das mazelas do mercado de trabalho urbano que não abarca a todos e empurra os mais fragilizados para a margem da dignidade humana. Em relação à arte, os aspectos axiológicos da linguagem presentes na narrativa evidenciam que o valor artístico, nesse contexto, passa pela ótica mercantilista, e presume um setor artístico movimentado economicamente, relacionado a vendas de CDs, shows e outros eventos. Outro aspecto que marca a personagem cigarra é como ela conseguiu alcançar reconhecimento do seu trabalho. Notamos que o valor do trabalho artístico da personagem é atravessado pelas relações do casamento com um “megaempresário do ramo hoteleiro”, que financia sua arte. Dessa forma, nessa versão, os papéis sociais da cigarra, representante da arte, e da formiga, representante da manutenção econômica, são invertidos em relação à versão de Esopo.

A fábula “A cigarra e a formiga” parece uma fonte inesgotável de intertextualidade, propícia para abordar os diferentes valores e ideologias que perpassam as sociedades. Assim sendo, a temática das relações entre trabalho e arte ainda encontra motivos para serem discutidos, como é o exemplo da versão que segue.

A versão moderna da fábula da formiga e a cigarra - Facebook

Era uma vez, uma formiguinha e uma cigarra muito amigas. Durante todo o outono, a formiguinha trabalhou sem parar, armazenando comida para o período de inverno. Não aproveitou nada do sol, da brisa suave do fim da tarde e nem o bate-papo com os amigos ao final do trabalho tomando uma cervejinha gelada.

Seu nome era 'Trabalho', e seu sobrenome era 'Sempre'. Enquanto isso, a cigarra só queria saber de cantar nas rodas de amigos e nos bares da cidade; não desperdiçou nem um minuto sequer... Cantou durante todo o outono, dançou, aproveitou o sol, curtiu pra valer sem se preocupar com o inverno que estava por vir.

Então, passado um tempo, começou a esfriar. Era o inverno que estava começando. A formiguinha, exausta de tanto trabalhar, entrou para a sua singela e aconchegante toca, repleta de comida. Mas alguém chamava por seu nome, do lado de fora da toca. Quando abriu a porta para ver quem era, ficou surpresa com o que viu. Sua amiga cigarra estava dentro de uma Ferrari amarela com um aconchegante casaco de vison.

E a cigarra disse para a formiguinha:

- Olá, amiga, vou passar o inverno em Paris. Será que você poderia cuidar da minha toca?

E a formiguinha respondeu:

- Claro, sem problemas! Mas o que aconteceu?

- Como você conseguiu dinheiro para ir à Paris e comprar esta Ferrari?

E a cigarra respondeu:

- Imagine você que eu estava cantando em um bar na semana passada e um produtor gostou da minha voz. Fechei um contrato de seis meses para fazer show em Paris... A propósito, a amiga deseja alguma coisa de lá?

- Desejo sim, respondeu a formiguinha. Se você encontrar o La Fontaine (Autor da Fábula Original) por lá, manda ele ir para a Puta Que O Pariu!!!

Moral da História: Aproveite sua vida, saiba dosar trabalho e lazer, pois trabalho em demasia só traz benefício em fábulas do La Fontaine e ao seu patrão. Trabalhe, mas curta a sua vida. Ela é única!!! Se você não encontrar a sua metade da laranja, não desanime, procure sua metade do limão, adicione açúcar, pinga e gelo, e...

Seja feliz !

Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/PequenosBocados/posts/a-versao-moderna-da-fabula-da-formiga-e-a-cigarraera-uma-vez-uma-formiguinha-e-u/295336603820860/>> . Acesso em: 28 out. 2020

A abordagem intertextual desta narrativa fabular é bastante parecida com a anterior, portanto os elementos que marcam a direção argumentativa orientam para um distanciamento da versão de Esopo, especialmente quanto às funções sociais da formiga e da cigarra que tem seus papéis invertidos em relação ao resultado daquilo que fazem. Há um desvio total quanto aos sentidos. A cigarra, nesse contexto, ao contrário do mostrado anteriormente, tem seu talento artístico reconhecido por seus próprios méritos e, por isso, vai desfrutar de uma vida de luxo, enquanto a formiga continua a trabalhar sem cessar, na

mesma vida humilde de sempre. O quadro seguinte exemplifica visualmente aspectos importantes relativos ao que é semelhante e diferente nas relações argumentativas dos dois enunciados.

Quadro 3: Comparação entre a fábula de Esopo e a do Facebook

Texto de Esopo		A versão moderna da fábula da formiga e a Cigarra
Tema	Relação entre o trabalho no campo e atividade artística.	Relação entre o trabalho urbano e atividade artística.
Virtudes	A dedicação ao trabalho e preocupação em guardar reservas.	Formiga: Dedicação ao trabalho, preocupação em guardar reservas para o futuro; Cigarra: Dedicação à arte de cantar e aproveitar a vida e as coisas belas do mundo.
Desvirtudes	Passar o verão todo cantando.	Trabalho: A dedicação excessiva ao trabalho leva à exaustão e não permite vivenciar o belo da vida;
Valores sociais	Atividade do campo: alto valor social; Atividade artística: baixo valor social.	Trabalho: A dedicação exclusiva ao trabalho leva à exaustão, não permite vivenciar o belo da vida e nem tem o valor reconhecido. Arte: A valorização da arte pelo talento artístico traz prestígio; Arte como trabalho é valorizada no mercado cultural.

A intertextualidade que se apresenta nessa fábula aponta para sentidos divergentes, criando a paródia que se constitui, entre outros fatores, pela ridicularização de La Fontaine. A paródia tem seu ponto mais alto quando um fato inusitado acontece. Semelhante à versão anterior, a formiga passa por uma espécie de efeito catarse, quando percebe sua condição de escrava do trabalho, no momento em que vê a cigarra cheia de glamour e prestígio depois de muito cantar e se divertir. Até então, para a formiga, isso ia contra seus princípios. Ela percebe que seu excesso de trabalho não foi recompensado tal qual o da cigarra. Diante dessa consciência, a reação da trabalhadora foi destinar uns desaforos a La Fontaine, num destronamento do prestígio do fabulista. A formiga se mostra injuriada por ter seguido os ensinamentos dele – que retoma a mesma perspectiva argumentativa de Esopo – e não ter recebido o mesmo êxito daquela a quem ele inferiorizou pelo fato de cantar. Pelo quadro é possível visualizar a intertextualidade pelo viés da paródia. Vemos que os sentidos do enunciado em relação ao enunciado de Esopo são refletidos de modo inverso, como num espelho distorcido. Sobre este aspecto da paródia, Sant’Anna (2003) explica que:

A paródia não é um espelho. Ou, aliás, pode ser um espelho, mas um espelho invertido. Mas é melhor usar outra imagem. E, ao invés do espelho, dizer que a paródia é como a lente: exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do

elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura. E eu diria, usando ainda um raciocínio psicanalítico, que a paródia é um ato de insubordinação contra o simbólico, uma maneira de decifrar a Esfinge da Mãe Linguagem. Ela difere da paráfrase na medida em que a paráfrase se assemelha àquele que dorme edipianamente cego no leito da Mãe Ideologia. Sendo uma rebelião, a paródia é parricida. Ela mata o texto-pai em busca da diferença. E o gesto inaugural da autoria e da individualidade. (SANTANA 2003, p. 32).

Pela citação de Sant’Anna (2003) em conjunto com análise que fizemos, é possível perceber que os aspectos axiológicos que constituem o enunciado dessa última versão permitem ao interlocutor observar que houve uma transformação de valoração social sobre o tema trabalho e, também, sobre a arte. Por esta versão, a representante da arte teve seu mérito pelo próprio talento, ou seja, a *arte pelo valor da própria arte*. Assim, num contexto sócio-histórico e cultural bem diferente, descortinou-se com os talentos artísticos um nicho econômico bastante valorizado e apreciado. De outro modo, o trabalho braçal, tal qual era antes, perdeu tanto seu prestígio social quanto seu valor econômico.

A narrativa termina com uma moral, que é um conselho e uma crítica reflexiva: “Aproveite sua vida, saiba dosar trabalho e lazer, pois trabalho em demasia só traz benefício em fábulas do La Fontaine e ao seu patrão”. A crítica feita ao trabalho em excesso traz à tona a mensagem da fábula de Esopo e La Fontaine que pregavam como princípio maior o trabalho constante, sem se importar com aspectos de entretenimento, lazer, diversão. Para tais autores, a arte representava tudo isso, e por esse motivo era inferiorizada, vista, em relação ao trabalho no campo, como uma vilã da dignidade, uma atividade dos preguiçosos.

Nessa última narrativa o talento artístico tem espaço de prestígio e traz privilégios a quem os tem. Percebemos, portanto, nesta situação comunicativa, um horizonte socioideológico e cultural bastante distante do contexto mostrado pela versão de Esopo e de La Fontaine.

Conclusão

Ao longo de nossas análises intertextuais das narrativas de *A cigarra e as formigas*, demos preferência em discutir a orientação argumentativa e os aspectos axiológicos para delinear os *corpus* deste estudo as diferentes valorações do trabalho e da arte, exploradas pelas cinco versões da fábula.

Partimos da fábula de Esopo para analisarmos a versão de La Fontaine e verificamos que a convergência argumentativa entre os enunciados determina a intertextualidade entre os dois textos como paráfrase. Assim, embora a fábula de base tenha sofrido alterações para

concretizar as devidas adaptações, o ideal de trabalho e de arte se manteve na mesma perspectiva ideológica: trabalhar muito e guardar reservas, e evitar dedicar-se à arte para não perecer no amanhã.

Já os sentidos enunciativos das três últimas narrativas distanciaram-se do texto inicial, determinando a intertextualidade como paródia. Notamos, pela visualização dos pontos de contato, que os autores subverteram o sentido da narrativa primeira. Em Monteiro Lobato, vimos a ousadia do autor em atribuir às personagens e à situação comunicativa uma atualização espaço-temporal que considera a inteligência do interlocutor e sua capacidade de avaliar e formar sua própria opinião a respeito da fábula. Ele abordou princípios socioafetivos – virtudes e defeitos do caráter humano – que orientam a conduta social, para, então, tratar do tema e desbravar um novo olhar para o elemento temático trabalho e arte.

Nas duas últimas adaptações, o humor e o riso deram o tom das narrativas, num plano discursivo de inversão total dos sentidos em relação à fábula de Esopo. A reconstrução narrativa apontou para uma crítica social, revendo a problemática do trabalho precarizado e a desumanização, em contraste com a elevação do prestígio da arte, valorizada sob a ótica do mercado cultural.

Finalmente, por meio das cinco versões, uma linha valorativa relativa ao trabalho artístico foi estabelecida e mostrada ao longo das análises. A arte, representada em todas as versões pela personagem cigarra, passou por diferentes avaliações que atribuíram a ela valores socioideológicos que se alteraram ao longo do tempo. Inicialmente desvalorizada e associada ao ócio, a arte passou a ter importância e prestígio social até se tornar um rico e atrativo segmento econômico que mantém um campo de trabalho bastante movimentado.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Os Gêneros do Discurso**. 1 ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

CLUBE DAS BARQUETES PEQUENOS BOCADOS. **A Versão Moderna da Fabula da formiga e a Cigarra**. Facebook: Clube das Barquetes Pequenos Bocados. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/PequenosBocados/posts/a-versao-moderna-da-fabula-da-formiga-e-a-cigarraera-uma-vez-uma-formiguinha-e-u/295336603820860/>> Acesso em: 28 out. 2020.

JAHN, H. **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 1994.

KOCH, I. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto. 1997.

LERAPRENDERECRESCER. **A Cigarra e a Formiga - Jean de La Fontaine**. Disponível em: <<https://leraprenderecrescer.blogs.sapo.pt/432.html>>. Acesso em: 28 out. 2020.

LOBATO, M. **Fábulas de Monteiro Lobato**. São Paulo: Globo, 2008.

PIADADEBRANKO. **A verdade sobre a Cigarra e a Formiga**. Disponível em: <<https://piadadebranko.wordpress.com/2011/07/29/a-verdade-sobre-a-cigarra-e-a-formiga/>> Acesso em: 28 out. 2020.

SANT'ANNA, A. R. **Paródia, Paráfrase & Cia**. 7ª edição. São Paulo, 2003.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2018.